



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ALEXANDRE ROSADO ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

DE um entusiástico esperantista recebemos uma carta em que manifesta o seu aplauso pelo artigo, sobre Esperanto, da autoria do nosso presado colaborador sr. Costa Júnior, incitando-nos a que prossigamos na propagação da lingua internacional.

Por que a carta é extensa e o espaço pouco, não publicamos a referida carta. Registamos, no entanto, com satisfação o apreço que os nossos leitores vão manifestando pelo «O Comércio da Ajuda».

ENCONTRA-SE bastante doente, o sr. Ramos Setas, pai do nosso querido amigo sr. Alvaro Ramos. Melhoras sensíveis é o que sinceramente lhe desejamos.

“A FEDERAÇÃO RE-CREATIVA” interessante colega, órgão da F. D. S. P. E. R. refere-se nos seu último número, com palavras que muito nos sensibilizam e que agradecemos. O pouco que temos feito em prol das sociedades de recreio, é um dever da nossa parte, e podem elas, bem como a sua Federação, contar sempre com o nosso préstimo.

O costume de matar o bicho data do século XVI, e com êle o dizer popular. Em 1529, tendo morrido em Paris uma dama na corte, ao fazerem-lhe a autopsia, encontraram-lhe um bicho, ainda vivo, alojado no coração.

Os médicos fartaram-se de fazer experiências, applicando vários ingredientes para matar o verme e só o conseguiram mergulhando-o em aguardente.

Foi daqui que nasceu o conselho médico quinhentista d'êste tratamento preventivo matinal.

ENCONTRA-SE já em sua casa, em vias de restabelecimento, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sara Agostinho de Moraes, esposa do nosso amigo e colaborador, Ex.^{mo} Sr. Agostinho Antonio, a quem por êsse motivo abraçamos efusivamente.

O Bairro Económico da Ajuda vai enfim ser inaugurado

Vai ser inaugurado, segundo dizem os jornais, no próximo dia 30, o Bairro Económico da Ajuda.

Correm várias versões, acêrca do seu arrendamento. Em 7 de Março de 1932, foi publicado um decreto, que diz, entre outras coisas, o seguinte: «Não se perde de vista o fim com que se têm construído as casas económicas do bairro da Ajuda, e por isso, ao mesmo tempo que se fixam quantias relativamente pequenas para base de licitação, facultada-se ao arrendatario a compra da casa que habite; e com o mesmo intuito são preferidos para inquilinos os funcionários civis ou militares nas condições nêste decreto indicadas, estabelecendo-se ainda certas restrições, atinentes á consecução de que ninguém possa vir prejudicar quem mais do que outro precise de moradia.

Diz o decreto no seu parágrafo 1.º, e já acima a êle nos referimos, que a preferência é dada a funcionários civis e militares, desde que as suas funções, sejam exercidas na freguesia da Ajuda e, entre êstes, os que estejam a pagar renda superior a 25 por cento do seu vencimento mensal e tenham família mais numerosa que com êles viva.

Diz o artigo 3.º do decreto, que o arrendatario tem direito a adquirir por compra a casa em que habite, mediante o pagamento inicial e por uma só vez de 20 por cento do seu valor e o pagamento do restante em 180 prestações mensais, calculados á taxa do juro anual de 5,5 por cento.

E nesta conformidade, nunca o Estado poderá ser prejudicado, pois o prédio ou a habitação adquirida pelo arrendatario constituirá em primeira hipoteca a garantia do pagamento das 180 prestações mensais.

Ora muito bem. Agora que o Bairro está em vias de conclusão e os dinheiros públicos absolutamente acautelados, compete á população da freguesia, interessar-se no sentido de que as rendas a fixar, sejam o mais razoáveis possível, visto que os seus ganhos, não comportam grandes despesas.

A preferência que se dá a funcionários, deveria a nosso vêr, corresponder somente a um limitado número de habitações, visto que há muita outra gente na freguesia que paga rendas exorbitantes, e que para não faltar ao senhorio, se veem obrigadas a restringir a alimentação.

Nós entendemos, que todos, absolutamente todos, neste assunto, têm o mesmo direito. Os estômagos são iguais.

Estamos convencidos que presidirá a êste importante caso o critério mais acertado, o mais justo, o mais humano.

COM a assistência das entidades officiais e algumas marcantes individualidades pedagógicas, comemorou a Junta de Freguesia de Belém, em sessão solene efectuada no dia 18 do corrente, na séde da Escola Official n.º 61, o 1.º aniversário da fundação dos cursos nocturnos naquella freguesia, efectuando ao mesmo tempo a distribuição de diplomas aos alunos aprovados no exame do 2.º grau, no ano lectivo findo.

Motivos vários nos impediram de comparecer. Agradecemos, no entanto, a gentileza do convite.

ESTÁ a organizar-se uma comissão para promover entre os bairros de Alcantara, Belem e Ajuda, a Semana Recreativa, durante a qual se realizarão várias festas nas colectividades de recreio, festas que constarão de concertos musicais, espectáculos, conferências, etc.

OS carros eléctricos, continuam a ficar bastante afastados da Calçada da Ajuda, pois quando chegam á Rua da Bica, aí ficam por alturas do chafariz. ¿Saberá a Companhia disso? Deve saber. E se não sabe, nós estamos fartos de falar no caso.

PROMOVIDO por um grupo de comerciantes da nossa freguesia, efectuar-se-há muito em breve, um jantar de homenagem ao Ex.^{mo} Sr. Antonio Joaquim de Andrade, chefe da esquadra policial da Ajuda, que, como noutro lugar dizemos, foi aposentado por uma junta médica da sua corporação.

Os promotores da homenagem, pretendem assim, manifestar áquele digno funcionário, o apreço em que têm as suas qualidades de carácter.

CONTINUAM algumas ruas da freguesia a estar ás escuras. Já há dias que alguns candieiros da Rua das Mercês e Calçada de D. Vasco não acendem. Pedimos providências a quem superintende nessa coisa.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Verdades amargas

Por termos sido educados n'um regime de muita economia, conservamos o hábito de cuidarmos mais de coisas úteis do que das superfluas.

Por isso quando reclamamos algum melhoramento fazemo-lo com a convicção de que pedimos uma coisa necessária e com a certeza de que pode e deve ser atendida. Não pedimos coisas irrealisáveis.

Vem isto a propósito de que tendonos feito eco n'este quinzenário, de diversas reclamações sobre coisas que julgamos prejudiciais á boa estética e á hygiene da nossa freguesia, nem sempre tenham sido atendidas com a devida urgencia.

E algumas dessas reclamações são de tão insignificante despeza, que só por má vontade se compreende que não sejam atendidas imediatamente.

Se aqueles que têm o dever de resolver êsses assuntos os não resolvem por capricho ou desconsideração para com aqueles que os reclamam, procedom mal, e enganam-se, porque êles, ou as entidades que representam — o que é peor — é que ficam desconsiderados e sem autoridade moral para exigir aos outros o cumprimento dos seus deveres.

Errar é próprio da humanidade, disse alguém, mas insistir no êrro é impróprio da raça humana, diremos nós.

Para que avaliem a razão que nos assiste, vamos citar algumas d'essas reclamações: Pedimos a remoção da barraca de madeira existente no passeio junto ao lavadouro municipal do Rio Sêco, porque está pôdre e cheia de remendos de latas velhas; pedimos a transformação do mictorio existente na Rua dos Quarteis, porque está fora da época; pedimos o desaparecimento das piteiras da Rua da Bica,

por ser uma coisa imprópria duma cidade; pedimos a reparação do pavimento da Travessa da Boa-Hora, porque está intransitavel; e pedimos outras coisas de pequena importancia que não vale a pena enumerar agora. Quaisquer destas coisas podiam e deviam ter solução immediata, se vingasse o bom senso.

A barraca tinha saído d'ali há muito, numa carroça, para alimentar os fogões da Camara Municipal, e dentro do recinto do lavadouro fazia-se um compartimento, com um guichet para o exterior, se fôsse preciso; (já lá esteve tijolo para isso).

O mictorio era substituído, muito facilmente, por outro mais moderno, e com agua corrente (que a tem ali perto) para desaparecer o mau cheiro que exala.

As piteiras eram arrancadas para tirar áquele local o aspecto sertanejo, e substituídas por um gradeamento, (que vedaria o futuro jardim público, ou mercado) ou por uma correnteza de habitações, auferindo o Estado, (porque aquilo é do Estado, não sei se sabem) ainda com isso alguns milhares de escudos, com a venda de uma facha de terreno, com quinze metros de fundo, por exemplo, e obrigando-se os compradores a edificarem umas elegantes mas modestas habitações, com uns jardinsinhos, num curto praso de tempo. Eram uns poucos de beneficios; e assim, conservando o que está, é uma vergonha.

E o pavimento da Travessa da Boa-Hora, é coisa que se repara em meia duzia de dias, com meia duzia de carroçadas de cascalho.

Assim o quizessem aqueles que administram o producto do nosso trabalho, que nada chegaria a tanto abandono.

Francisco Duarte Resina.

Os vegetais comestiveis

Há muitas pessoas que desconhecem as propriedades medicas dos vegetais comestiveis, e lançam mão de variadas drogas para a cura de enfermidades imaginárias, e isto porque lêem nos jornais os seus anuncios sugestivos, esquecendo-se que melhor fariam se recorressem aos mercados e adquirissem os vegetais comestiveis, que possuem propriedades medicas.

São ricos em enxôfre, a cebola, o nabo, o repollo, a couve-flor, a nabica e o rabanete.

Nas batatas, tanto inglezas como doces, há sais de potassa.

As lentilhas e ervilhas contêm ferro; o espinafre tem sais de potássio e de ferro em grande quantidade.

A alface é calmante, sendo muito conveniente ás pessoas nervosas.

Os espargos são proveitosos aos que sofrem dos rins.

O nabo purifica o sangue e abre o apetite.

A couve-flor, o repollo e o espinafre são altamente recomendáveis ás pessoas anémicas.

O aipo, além das suas propriedades emenagógicas, é salutar para os reumáticos e os que sofrem de nevralgias.

O tomate estimula o trabalho do figado e o perroxil e o rábano purificam o sangue.

E já que o assunto serve diremos que não há melhor digestivo para as pessoas fracas do estômago do que uma maçã que não seja muito ácida, comida após as refeições.

As uvas devem ser de preferéncia dadas aos artriticos; em jejum produzem verdadeiros milagres.

A laranja, não muito ácida, em jejum, é extremamente diurética. Dá bons resultados em todos os casos do reumatismo.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde sêr adquirido gratuitamente :

TRANSPORTES DO ALTINHO

A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 10

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

TELEFONE BELEM 520

Pérola do Cruzeiro

DE JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Pôrto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — LISBOA — Telef. B. 634

ZAMENHOF

A nobreza moral do autor do Esperanto

Falei, muito por alto, no artigo que aqui publiquei, sobre o Dr. Zamenhof, o genial autor do Esperanto.

A propósito do aniversário da sua morte, ocorrida em Dezembro de 1917, venho relembrar esta modesta e também grandiosa figura, que bem digna é de ser colocada em relevo e mostrada como exemplo á humanidade, especialmente nos tempos de feroz egoísmo que nós, agora, atravessamos.

A vida de Luiz Lázaro Zamenhof foi simples; fortuna, foi cousa que elle não conseguiu juntar, embora o trabalho fôsse constante. E' que, desinteressado como era, aos seus clientes pobres não cobrava honorários. E, quando um médico trabalha para os pobres, a clientela rica desaparece como por encanto.

Quero aqui frisar um facto que demonstra bem o carácter de Zamenhof. Traduzo da bela obra de Privat, *Vida de Zamenhof*, os seguintes períodos:

«O começo foi pouco próspero. Prejudicava-o a sua modéstia e o seu sentimento. Muito apreciado pelos doentes pobres, elle não sabia ganhar grandes somas.

«Em Plock, uma noite, chamaram-no a casa de ricos. Jazia na cama uma velha senhora e á sua cabeceira estavam três doutores. Estado desesperado. Após dois dias faleceu. Aos

quatro médicos chamados foram enviados altos honorários. Zamenhof recusou receber o seu. Porque receber o dieheiro se a cliente morreu?

«Em Vejsieje, vila da Lituânia, assistiu á morte duma criancinha. A febre queimava-a. De dôr, a infeliz mãe quasi enlouquecia. Durante menses não desapareceram dos seus ouvidos os choros e gemidos daquela mãe. Decidiu abandonar a prática da clinica geral e dedicar-se á oftalmologia».

Grande coração o de Zamenhof!

Oigamos porém o que ainda diz Privat:

«Como médico dos olhos, começou a prática barateira. Os seus clientes pagavam 40 copeques, alguns mesmo nada. Ordinariamente os médicos desta especialidade exigiam grandes somas. Mas chegava agora um médico popular. A muitos elle até salvou a vista. Em breve a sua sala de espera se enchia de manhã á noite. Tornou-se um verdadeiro bem-feitor. Inclina-se amorosamente sobre cansados operários e pálidas costureiras, que nele confiavam. A experiência e o estudo fizeram dele em pouco tempo um especialista notável. Assim elle viveu até á morte, modestamente, pobremente, fora de todo o luxo».

Privat conta-nos ainda este caso, que mais vem reforçar o que atraz fica dito:

«Numa grande cidade americana, após um discurso sobre Zamenhof, um rapaz hebreu, de Varsóvia, perguntou-lhe:

— Este Zamenhof é o bondoso médico dos olhos da Rua Dzika?»

Orgulham-se todos os esperantistas em que o autor da sua língua reunisse tam altas qualidades de carácter; e no progresso do Esperanto, nos primeiros tempos, aliaz os mais difíceis para a nóvel lingua, a sua isenção e tolerância contribuíram grandemente para que esta genial invenção criasse as raizes que, já hoje, lhe garantem o triunfo final.

Este desinterêsse, tam largamente demonstrado por Zamenhof, nunca foi, sequer, copiado pelos numerosos imitadores da sua obra. Talvez por essa circunstância, nenhuma das imitações do Esperanto conseguiu desenvolver-se; o desinterêsse de Zamenhof foi bem o sagrado adubo lançado no terreno árido onde a semente do Esperanto havia de germinar um dia...

Costa Júnior.

AGRADECIMENTO

Venho, por este meio, agradecer a S. Ex.^a o Sr. Dr. Medina de Sousa a maneira carinhosa e acertada proficiência como me tratou na minha grave doença, salvando-me, com o seu muito saber, duma morte quasi certa, sem que, S. Ex.^a, tivesse reclamado qualquer quantia por tal motivo.

Egual agradecimento faço ao Ex.^{mo} Sr. Carlos de Sousa, mui digno farmaceutico e excelente enfermeiro, o qual, durante 60 dias consecutivos, veio a minha casa ministrar-me o tratamento indicado pelo médico, tendo de subir a um 3.^o andar e, muitas vezes, debaixo de chuva que o obrigou a dispendir dinheiro em taxi sem que S. Ex.^a tivesse recebido qualquer remuneração por este motivo.

A um e outro ofereço a minha eterna gratidão, apeteendo-lhes mil venturas de que são dignos pelos seus magnanimos coações.

Belém, 12 de Janeiro de 1933. — *Julia Adelina Passos Rodrigues* — Largo do Figueiredo, 1, 3.^o-Esq.

FARMÁCIA FIGUEIREDO

42, Calçada da Ajuda, 44 — Telefone 489 Belém

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs.

Dr. Barbieri Cardoso — Todos os dias ás 12 horas

Dr. Francisco Seia — Sábados ás 11 horas

Dr. Pinto da Rocha — Todos os dias ás 19 horas

Dr. Schiappa Monteiro — Segundas e sextas-feiras ás 15 horas

SERVIÇO NOCTURNO AOS SABADOS

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

NA notícia do *Jornal de Littérature*, a que anteriormente fizemos referência, diz-se:

«Os cantores e a orquestra são excelentes. Disfrutaram extraordinários vencimentos, e, além disso, recebem avultados brindes. Os cantores não estão directamente ao serviço do rei,

luvas, etc., e tudo isto não entra na conta dos seus vencimentos.»

São curiosas estas informações, referidas ao ano de 1781, em que foram publicadas, e dizendo respeito aos artistas que tomavam parte nas representações do teatro régio da Ajuda, os quais no inverno acompanhavam o monarca para Salvaterra, onde este empregava os dias em caçadas, juntamente com os fidalgos da sua corte, e á noite assistia ás

A Ajuda de outros tempos

e não são pagos pelo real bolsinho, mas pertencem todos á igreja patriarcal; os instrumentistas, pelo contrário, estão todos directamente ao serviço do rei.

«Uns e outros, os cantores especialmente, são escriturados por um certo número de anos. Concluídas as escrituras, ficam com metade dos seus vencimentos durante toda a vida, e ordinariamente têm licença para residirem onde lhes aprouver.

«As representações são pagas á parte; além disso recebem meias de seda, camisas, lenços, colarinhos,

representações no teatro ali construído e que, segundo parece, já funcionava no ano de 1753.

Em concordância com o que escreveu o inglês Twiss, a revista francesa acrescenta:

«Durante o reinado anterior não se admitia no teatro nenhuma cantora; ignoro se esta prática ainda se observa. Pretendia-se por este meio obviar aos abusos que poderia haver numa nação tão dada á licenciosidade. Mas apareceram na cena alguns castrados, representando os papéis de mulher, por modo que idudiam os espectadores estrangeiros.»

NUM dos mais formosos jardins da pequena cidade, entre rozeiras, lilazes e outras árvores produtoras de lindas e mimosas flores, tinha sido plantada uma pequena haste, que era alvo dos maiores cuidados por parte do respectivo jardineiro.

Os anos foram passando e, devido aos carinhos que lhe prodigalisavam, a pequena haste tinha-se desenvolvido e em breve chegou a ser uma árvore feita.

Desde muito nova tinha sempre florido, mas as suas pequenas rosas feneciam na japoneira sem que ninguém se lembrasse de as colher. Naquêle ano, porém, as flores desenvolveram-se tão formosas que o jardineiro, ao vê-las, não podia deixar de se envaidecer, olhando-as com entenebrecida curiosidade. Era todo o seu enlevo aquelas camélias que ele, com as suas mãos calosas, tinha disposto e tratado. Mas um dia, dia fatal e de desdita... Aqui começa a historia: — Encontrei-o triste, pensativo, com os olhos marejados de lágrimas, olhando melancolicamente a árvore dos seus enleios. Conhecia-o bem e, por isso, não pude deixar de me admirar da sua melancolia. Que razão teria aquele homem rude, em cujo coração nunca tinha entrado a tristeza, para assim se entenebrecer, olhando as suas flores? Despertou-me a curiosidade e não me pude conter. Interroguei-o: Eis o que ele me contou:

A vida duma flor

Por A. M. RIBEIRO, sargento de marinha

— A vida duma flor! É muito triste, muito triste! Eu lhe conto, meu senhor. Preciso desabaçar... Oxalá o senhor me compreenda, oxalá!

— Tinha florido linda, naquele ano, a minha árvore; tão linda que não havia outra igual. Num dos mais altos ramos brotou a mais linda Camélia que ainda me foi dado admirar. Era tão linda a minha Camélia.

Junto dela, como que a defendendo do sol ardente e das vistas dos cubiçosos, tinha nascido uma fôlha, irmã gêmea da linda flor, e, tanto se lhe afeiçoou, que até ao pressentir a aproximação dos passarinhos, que faziam os seus ninhos nas árvores proximas, mais se debruçava sobre a mimosa Camélia, para evitar que, com os seus minúsculos bicos, podessem molestar as suas mimosas pétalas tão brancas, tão puras, tão virginaes e lindas. Pobre folhinha, coitada... Era tão ciosa da beleza de sua irmã...

Eu tinha já pensado em a colher, para a colocar no altar da Virgem, mas, um dia, num manhã de Outono, veio ao jardim um visitante que, ao vê-la, encantado com a sua deslumbrante formosura, colheu a flor apeteçida, levando-a, muito ufano de poder mostrar aos amigos a melhor perola do jardim.

E, desde esse momento começou para esta um calvario impossível de descrever.

Simplemente lhe contarei em breves momentos os momentos breves da sua vida de desventura.

Levou-a para o seu quarto de dormir; colocou-a num solitário e, rodeando-a de atenções mesquinhas, mui prazenteiro, ia dizendo: — Ficas aqui muito bem; deito-te aqui todos os dias e não marcharás tão cedo. Eu terei cuidado contigo, minha viçosa flor.

Promessas, muitas promessas... mas cuidados...

— Era tão linda a minha Camélia!
— Um dia passou, depois outro e outro... e a rosa foi esquecida! Nem sequer a janela já lhe abriam e a pobresita sufocava, emurchecia no meio das quatro paredes, lembrando, com saudade, o seu jardim e as suas

Pondo de lado a acusação de viciosos, que o autor lança sobre os portugueses, diremos que, de facto, muitos foram os sopranistas que brilharam nos nossos teatros de opera, entre os quais avultam os nomes de Caffarelli e Gizziello, ainda nos teatros de Lisboa, e mais tarde Angelelli, Capranica, Longarini, Luciani, Gallieni e outros na Ajuda.

Tanto Twiss como o *Journal de Littérature*, nos dizem que estes artistas, desempenhando papeis femininos, o faziam de maneira a iludir os espectadores. Mas custa-nos a compreender, agora que nos encontramos a mais de um século de distancia, como homens pudessem com gentileza e elegância representar as figuras femininas do Olimpo, que nesse tempo eram geralmente escolhidas para a construção dos libretos das óperas, quasi todos baseados em tragédias de Metastásio. E se nos repugna a ideia de ver Dido ou Semiramis representadas por homens, também difícil é de admitir que, no *Il finto Astrologo*, a figura de D. Elisa, «rapariga esperta e brilhante» (segundo a rubrica da peça), fôsse interpretada por Angelelli, senhor de uns pés descomunais, a acreditar na tradição que assim o afirma.

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170
Telefone B. 329

Consultas
médicas
diárias

Serviço
nocturno ás
sextas-feiras

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Arrumam-se pastas de fantasia e bordadas

Enveraisam-se mapas

E' natural, porém, que a maneira por que, desde crianças, eram preparados e educados estes artistas, lhes desse uma certa feminilidade; e dos seus dons de cantores é que não podemos duvidar, uma vez que as crónicas da época nos dizem ter sido Caffarelli o maior cantor do seu tempo, e que muitos outros fizeram as delicias dos ouvintes nos principais teatros da Europa.

Um antigo crítico italiano vai até ao ponto de dizer que, tendo admirado em vários teatros as maiores celebridades do canto, tais como a Patti, a Alboni, as Marquisios, e tantas outras que causaram entusiasmo e assombro, nenhuma delas exc-dia em qualidades a voz preciosa dum sopranista que ouvira na Capela Sixtina, em Roma, certamente um dos últimos dessa espécie de artistas, que, para honra da humanidade, deixou há muito de existir.

Vem a propósito repetir aqui a conhecida anedota contada acerca de Angelelli.

Diz-se que D. João VI, entusiasmado ao ouvir este cantor num dos seus dias felizes, se voltára para um dos camaristas, dizendo:

— Quanto darias tu para ter uma voz igual á deste homem?

Ao que o fidalgo respondeu prontamente:

— Real Senhor... não daria nem metade do que elle deu.

Ainda sob outro aspecto o teatro da Ajuda teve uma notável importância. Ali se cantaram óperas de incontestável valor, umas de apreciados autores estrangeiros, e outras de maestros portugueses, ainda hoje considerados como glorias da arte nacional.

Como já foi dito, o Seminário patriarcal teve no nosso país um lugar distinto como escola de música, no reinado de D. João V, e ainda depois no tempo de D. José, que referendou o importante e notável estatuto por que esta instituição se regeu até a sua extinção.

A despeito da grande competência dos mestres que o dirigiam, o Seminário julgou conveniente enviar a Nápoles, a fim de se aperfeiçoarem, alguns dos alunos que maior disposição e aproveitamento mostravam, e assim, mais tarde, no teatro da Ajuda foram executadas partituras de verdadeiro mérito com que os antigos pensionados daquela escola de musica, e alguns até

exercendo ali o professorado, enriqueceram o nosso património artistico.

Dêsses, além de Francisco Antonio de Almeida e Antonio Teixeira, que julgamos têrem sido os primeiros a ir estudar na Italia o desenvolvim-nto da musica dramatica, destacam-se os nomes de João de Sousa Carvalho, Jerónimo Francisco de Lima (este natural da freguesia da Ajuda), João Cordeiro da Silva, Luciano Xavier dos Santos e Antonio Leal Moreira.

Não juntamos a estes o maior e mais célebre dos compositores pensionados pela Patriarcal, o nosso inesquecível maestro Marcos Portugal, porque êsse, ao voltar da Itália, já encontrou os teatros régios abandonados e substituídos pelo Teatro de S. Carlos.

Segundo a relação inserta por Ernesto Vieira no seu *Dicionário Biográfico dos Musicos Portuguezes*, cantaram-se no Teatro da Ajuda, desde 1764 a 1891, 45 peças de diferentes autores estrangeiros e portuguezes.

Não podemos afirmar que essa relação seja absolutamente fidedigna, visto que tivemos occasião de verificar nela um lapso. Entre vários libretos

(Conclui na página 8)

companheiras, mais felizes do que ela. E recordava-se, então, vagamente, da canção que tantas vezes ouvira, quando ainda em botão:

«Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem...»

A folha, a amiga íntima da infeliz, vendo-a murchar dia a dia, queixava-se, amargamente, do abandono a que a tinham condemnado, não por ela, simples folha sem valor, mas sim pela sua amiga que tão linda era e bem merecia os poucos cuidados que requeria.

— Como é ingrato o teu possuidor, minha querida, e como se esqueceu de ti...

— Não te queixes sem razão, minha boa folha, respondia a pobresita. Ainda tenho esperança... talvez amanhã... Esperemos, pois.

Mas no dia seguinte eis que a porta se abriu, abriu-se a janela, varreu-se o quarto, limpou-se o pé... mudaram-se as flores do solitário. Outra ia agora tomar o lugar que, durante algum tempo lhe pertencera e de onde já não desejava sair, embora tivesse sido tratada com absoluto desdém.

— Não, minha mãe, não a deite fora, dizia o mancebo! Não vê que é ainda tão linda?! E demais, colhi-a com tanto interesse...

Parece impossível que ainda a queiras conservar, dizia a v-lha. Pois não vez que já está murcha e nem cõr nem aroma tem? Para nada presta já... E, sem mais razões ouvir, pegou na flor e lançou-a pela janela, com um movimento de desprezo bem digno do coração empedernido da megera.

E, em substituição da Camélia, foi colocada, no solitário, uma rosa rubra, cõr do sangue e da volúpia, rosa simbolisante da traição, rosa banal e sem valor, que muito se ufanou de a preferirem, embora a troco do abandono da outra flor bem mais digna do que ela, não se lembrando, sequer, que o mesmo lhe poderia succeder um dia. Era tão linda, aquela Camélia...

A queda fôra grande. Ficou por momentos aturdida com semelhante infamia e, por isso, nem sequer reparou que naquele momento passava na rua um viandante, um daqueles entes velhos e decrepitos, que passaram a sua mocidade destolhando flores baratas, flores triviaes e sem

beleza, o qual, ao ver a flor cair, se aproximou e, depois de a levantar, examinando-a com atenção, ia dizendo:

— Ainda é linda bastante; pode ainda fazer vista na minha jarra. Não tem aroma... mas, mesmo assim, é mais linda do que muitas que cheiram bem...

E o velho levou-a para a sua choupana, dispensando-lhe, de principio, os mesmos cuidados, as mesmas ternuras, os mesmos hipocritas carinhos que da primeira vez lhe tinha feito o seu possuidor. Mas o tempo passou, a realidade depressa veio e o sonho não tardou a desfazer-se. Este mundo é assim!... Tudo mentira, tudo hipocrisia e nada mais: Oh! quantas vezes se lembrava da canção que ouvira, quando era pequenina:

«Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem»

Os dias foram passando, os cuidados rareavam e não tardou que a pobre flor secasse de todo até que, em breve, considerada já inutil, novamente foi arremessada para a rua, abandonada á sua sorte, sem outro adeus do que aquele que é costume dispensar ás coisas inúteis: — Vai-te! Coisas velhas tenho cá demais... Talvez encontres ainda quem te queira...

E a pobre folhinha mais fenecera ao ouvir a ultrajante despedida: — Talvez ainda encontres quem te queira!... Pobre flor! Murcha e sem valor quem a queria ainda?!

E, já agora, melhor seria deixarem-na morrer, desfazer-se em lixo, porque, no monturo e no esquecimento, encontraria, por certo, mais calor no corpo podre dos vermes repelentes, junto de quem ia acabar a sua curta existência, do que aquele que tinha encontrado no coração dos entes humanos que conhecêra...

Era tão linda a pobre Camélia!

Ia declinando a tarde. O sol, semelhante a um grande disco de fogo, descia, lentamente, sobre o pico mais alto da serra, lá muito ao longe, deixando atraz de si as trevas e a desolação.

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanheiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico
para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE
FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO
Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA FUNERARIA

DE
António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

ENSAIOS DE LITERATURA

Sonho de um petiz

Encolhido, joelhos junto da boca, despido por todos os rasgões do fato velho, que lhe descobrem a palidez da pele em manchas claras, douradas pela luz dum lampião mais próximo — o pequenito dorme no portal. A enxerga é dura — o basalto da soleira. É a noite, alta e vagamente empoada dum luar doente e fraco, é cheia de ruidos. Mas o sono é fundo, e o pequerrucho, alguns oito anos, agarra-se a ele, prende-o nos braços, cruzados sob a cabeça, como á felicidade. E é aquela uma das suas raras felicidades de pobre — a quem D-us deu o vasto céu e os homens recusam a terra.

Um policia ia acordá-lo. Detenho o. Seria roubá-lo.

Roubar-lhe não só o descanso, mas o sonho. E se um relógio roubado é um valor que se substitui, o sonho quebrado é um mundo que cai e não mais se ergue.

O policia afasta-se. A criança deixou de ter interesse para a sua pobre alma policial.

Um auto ronca, arqueja, varre a rua com a rajada luminosa dos faróis, e passa em furacão, roça-me, quasi me atropela.

Egoismos contentes. ignorando a vida e o horisonte moral, circunscrito

á curva pesada do ventre, rebolam lá dentro.

Uma praga sobe-me aos labios.

Mas a presença da creança que dorme erradia pureza — e a blasfemia cala-se.

A luz do lampião cai, em panejamento diafano, sobre o pequeno, veste-o de claridade, estende-lhe sobre os andrajos uma chama polvilhada de ouro, como que a agazalha-lo.

Então subtilmente, a medo, com o bater do coração, avanço, introduzo-lhe no bôlso uma moeda.

Pouco te dei, pequeno, bem sei — mas escôo-me.

Sob as estrelas, carnação branca de anjos aparecendo por entre os rasgões do céu, o garotinho dormia. Sorriam-lhe os lábios e sorriam-lhe como bocas de pobreza e de apelo todos os rasgões em que o fato se lhe abria. E entre os andrajos, as manchas luminosas de ouro palido da carne desnudada pelos farrapos, ardiam na noite como estrelas palidas — estrelas de dor e de inocencia, respondendo na terra ao bater de palpebras das do céu.

Fujo, e a tua sombra acompanha-me.

Pouco te dei, pequeno, bem sei, — mas não deixei que te roubassem o sonho. aquele sonho feito de todas as felicidades do mundo, onde se agitam bonecos, beijos maternais, tambores, sapatos, bolos, frutas, tudo o que é

bom, suave e meigo, e que a vida te recusou.

Ele subia na noite, enchia o céu, o teu sonho encantado, a tua realidade, e eu, defendendo-te do policia, deixei-te de posse de todas essas coisas boas, de que tanto gostas, e que só a dormir possuis.

Sonha, pequenito, sonha. Outros o fazem, como tu, mesmo acordados — e é o sonho dos desgraçados, enchendo o céu de ambições e o mundo de revoltas, e esse sonho, que há milhões de anos se ergue sobre a terra, que lentamente vai melhorando a vida e dando-lhe beleza.

E' da soma dos milhões de sonhos individuais, assim, de abandonados, que nasceu a fome colectiva de justiça e de ventura.

Ébionite.

Aposentações

Por terem sido submetidos á junta médica da sua corporação, que os julgou incapazes de prestar serviço, foram aposentados os Ex.^{mos} Srs. António Joaquim de Andrade, chefe de policia, e Francisco Amado, sub-chefe.

O primeiro dirigiu a esquadra d'Ajuda, onde ainda hoje permanecia, durante 15 anos, afóra outros tantos que serviu como guarda, a contento de todos os habitantes da freguezia, e o segundo, que fazia serviço na mesma esquadra há 30 anos também, era muito estimado pelas suas boas qualidades.

MERCEARIA CONFIANÇADE
JOÃO ALVES

Verdadeira selecção em todos os generos de primeira necessidade

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 — LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552**QUESTÕES SOCIAIS****O HORARIO DE TRABALHO**

No nosso pequeno jornal iniciamos hoje em modestos e desprezenciosos artigos a análise serena a alguns aspectos das questões que interessam ás classes que têm no trabalho a sua principal ocupação. Não vão elles contra a índole de «O Comércio da Ajuda». Este jornal, tendo a sua existência no coração de um dos bairros mais populosos da cidade, habitado quasi na sua totalidade por gente modesta que tem no trabalho quotidiano a razão da sua subsistência, debatendo nas suas colunas alguns problemas que tão de perto lhe tocam, não faz mais do que procurar cumprir o programa que a si próprio se impoz de ser de algum modo útil aos seus leitores. Pôsto isto á guisa de entreito, vamos ao que interessa que urge o tempo.

* * *

Entre o rol extenso das pretensões justas das classes trabalhadoras, figura o cumprimento da lei do horário de trabalho como uma das, se não principais, pelo menos mais imediatas aspirações.

A legislação que em Portugal protege o trabalhador, se não é das mais perfeitas e apuradas que existem, é contudo o suficiente boa para contentar por ora os que para sua manutenção são obrigados a pôr ao serviço de outrem o esforço do seu braço ou do seu cérebro.

A organização social em que vivemos, em que o indivíduo põe o producto do seu esforço ao dispôr, não da colectividade mas de um grupo ou uma fracção, não se compadece com a necessidade que elle tem, quer seja um operário ou um burocrata, de se organizar no sentido de procurar para si e para a sua classe o maior número de regalias.

Entre as duas forças que formam a base em que assenta a estrutura da sociedade de hoje — Capital e Trabalho — nunca houve a harmonia que os

economistas teóricos preconizam e tanto se esforçam por fazer acreditar.

Estas forças embora trilhem caminhos diversos para o mesmo fim, — o aumento da riqueza — fazem-no, no entanto, a segunda inteiramente dominada pelo poderio da primeira, para quem vai todo o producto do seu labor e do qual não vem a auferir senão beneficios muito reflexos.

Na fase actual da nossa organização são antagónicos os interesses das duas classes: O que agrada a uma desagrada á outra, o que está dentro das aspirações da classe trabalhadora é sempre contrariado pelo interesse da classe dominante. Assim, algumas regalias que hoje aquela goza são, não o producto de uma justa colaboração de interesses, mas o corramento de uma defeza instintiva, nata em quem trabalha. E é para cumprimento das leis estabelecidas que — como dissemos não são por hora de todo más — se impõe debater esta questão, que tem o mérito de ser sempre oportuna.

* * *

A legislação que em Portugal regula o cumprimento do horário de trabalho encontra-se expressa na letra dos decretos n.ºs 5.516 e 10.782 (que lhe serve de regulamento) e segundo o sentido formulado nas Convenções de Washington, de 1919 e de Génèbra, de 1921, a que Portugal aderiu por instrumentos de ratificação de 15 de Junho de 1928.

Como principio fundamental da matéria legislada avulta o estabelecimento obrigatorio do periodo máximo normal de oito horas de trabalho diário; entre outras, estabelece a obrigatoriedade do pagamento das horas de trabalho excedentes a quarta e oito por semana, pelo dôbro do preço das horas de trabalho normal, bem como a obrigação de um periodo de descanso não inferior a vinte e quatro horas, após

um periodo consecutivo de seis dias de trabalho.

Não obstante o legislado, que tem por si a força consideravel de duas convenções internacionais, continua sendo um mito o cumprimento integral das disposições estabelecidas para quem trabalha. As suas mais salutaras disposições são deturpadas, escarnejadas, falseadas a cada momento. Faz-se letra morta do que está convencio-nado. E isto succede porque, na actual organização, trabalhando o individuo para um grupo ou uma fracção, as suas mínimas aspirações são sistematicamente contrariadas por estarem no polo oposto ao interesse desmedido de quem usufrui o producto do seu esforço.

Impõe-se o integral cumprimento do que está legislado, tendo-se em vista que algum beneficio que daí advenha ao trabalhador é, não um favor que se lhe faz, mas uma regalia que elle conquistou.

Afonso C. Aço.

AJUDA-CLUB

Neste florescente club realisaram-se nos dias 8, 9 e 15, trez interessantes bailes, que foram abrilhantados por excelentes grupos musicais. A assistencia foi numerosa, dançando-se animadamente até madrugada.

Merece-nos especial referencia a ornamentação da sala, em estilo egipcio, que revela um grande trabalho de paciencia, e que foi executado por um grupo de sócios, sob a orientação do sr. Silvério P. A. dos Santos.

Felicitemos a direcção deste Club, pelas excelentes festas que proporcionou aos seus associados.

Ping-Pong

Aproveitando uma forçada interrupção do Campeonato de Lisboa, a Secção Desportiva do Ajuda-Club e o Lisboa Gimnasio Club levaram a efeito um encontro amigavel de Ping-Pong, em todas as as categorias, com os seguintes resultados: 1.ª e 2.ª categorias, victoria do Ajuda-Club por 5-2; 3.ª e principiantes, victoria do Lisboa Gimnasio Club, respectivamente, por 5-1 e 5-0.

LIBREIRO, L. DA

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Drogaria e PerfumariaDE
ANTONIO MORAIS DOS SANTOSDrogas, tintas e vernizes
Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes**147, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA**

TELEFONE BELÉM 220



PALATINO

Rua Filinto Elísio (Santo Amaro)
TELEFONE B. 99

O melhor e mais bem frequentado
cinema da parte ocidental de Lisboa.

Sábado 21 e Domingo 22
às 21,15 horas

DUAS ESTREIAS NO BAIRRO
As surpreendentes super-produções

A FAVORITA DO IMPERADOR

com LIL DAGOVER e HANS STUWE

ERA UMA VEZ UM REI...

Hilariante filme com os pequeninos astros da tela
Mitzi Green e Jackie Searl

Filmes a exhibir :

Dias 23 e 24 { AMOR DE PERDIÇÃO (cópia nova sincronizada)
O RAPTO DA ESTRELA

Dias 25 a 29 : UMA HORA CONTIGO, com Chevalier e Jeanete Mac Donald. A completar o programa, em 25 e 26, FUMO DE PISTOLA, e de 27 a 29 AGÜIAS MODERNAS

Dias 31 e 1 : COSTUREIRINHA DE LOUNEVILLE (estrecia)
Dias 2 a 5 : A DELICIOSA, com Janet Gaynor e C. Farrel
A completar o programa em 2 e 3, CHANTAGE, e em 4 e 5, O MARIDO DESCONHECIDO com Jeanett Mac Donald

Dias 7 e 8 : O MEDICO E O MONSTRO

A Seguir : UM SONHO DOURADO, A BELA AVENTURA, RAPARIGAS DE UNIFORME, e as grandes festas do Carnaval com filmes apropriados e bailes.

A Ajuda de outros tempos

(Continuação da página 5)

existentes na Biblioteca da Ajuda, encontrámos um da peça *Nettuno ed Eglè — Favola Pastorale per musica*, que no frontispício se diz ter sido representada na primavera de 1785, para celebrar os esponsais do infante de Portugal e Espanha D João com D. Carlota Joaquina, e D. Mariana Vitória com D. Gabriel António, música de João de Sousa Carvalho.

Vieira dá noticia desta peça, mas como representada em 1785 no Teatro de Queluz.

Depois da abertura do Teatro de S. Carlos, em Lisboa, o Teatro da Ajuda ficou ao abandono, e só de quando em quando aproveitado para espectáculos particulares promovidos por officiaes inferiores dos regimentos aquartelados em Belém.

O último desses espectáculos, diz Sousa Bastos no seu *Dicionário de Teatro*, teve lugar a 15 de Fevereiro de 1868, por sargentos de Cavalaria n.º 2, com as peças *Feio de corpo e bonito de alma*, *Uma hora no Cacém*, *Há tantos assim* e *Morte do Galo*.

Foi, portanto, depois desta data, que o camartelo destruidor deitou

abaixo o edificio, verdadeiro templo de arte, por onde passaram tantos artistas de génio e em que vários músicos portugueses ostentaram os dotes do seu saber e fizeram brilhar os clarões do seu incontestável talento. Cairam as paredes onde parecia ecoarem ainda os acordes das óperas de Jomelli, de Piccini, de Paesello, de Cimarosa, de Leal Moreira e dos outros compositores nossos conterrâneos, essas paredes em que julgariamos ainda escutar as vibrações das vozes deliciosas dos sopranistas e dos cantores primorosos como Giuseppe Orti e Pio Fábri, e em sua substituição foram construídas... cavalariças.

Do teatro resta apenas uma longínqua recordação e muitas pessoas hoje desconhecem a razão porque ao terreno em frente da Meia Laranja, onde á vontade crescem as ervas em volta de meia duzia de barracas e casebres habitados por gente humilde, se dá ainda o nome de *Pátio da Opera*.

Alfredo Gameiro.

AGRADECIMENTO

Joaquim Magro Folgado, sua esposa e filhos, agradecem por este meio a todas as pessoas que se incorporaram no funeral do saudoso Frederico dos Santos Folgado.

Ao de leve...

IMPRESSÕES

Muitas pessoas, aferradas a antigas tradições, não crêem na velocidade fantástica do progresso da nossa era. Acham que apenas foi bom o tempo deles — descreem em absoluto dos nossos dias.

A catástrofe que durante quatro anos ensaguntou o mundo foi uma das últimas pás de terra lançadas no coval onde foram a enterrar uns séculos de História. Falta lançar a última. Depois, como as papoilas que nascem espontaneamente da podridão dum monturo, despontará uma aurora esplendente precursora de novos ideais.

Argumentaram-me há dias se as falências ruinosas que se dão a cada passo seriam um índice indicador desse tal progresso que detendo Retorquid serenamente: Um tumôr nasce, desenvolve-se e termina por lançar fora a matéria, o puz, a podridão que o compõe...

Afonso Aço.

“Écos de Belém”

Visitou no passado dia 7 a nossa redacção o sr. João Bastos Nunes, director do nosso prezado colega «Écos de Belém», que nos pediu para esclarecermos que o referido jornal foi exclusivamente fundado pelos proprietários da Tipografia Vieira, e não por outras quaisquer individualidades, como por lapso foi noticiado no nosso n.º 32, de 31 de Dezembro p. p.

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

CONSTRUCTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 (Ajuda)

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.ºs Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FAR A Terças-feiras ás 0 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.ªs feiras ás 9 h JULIO CARVALHO 3.ª feiras ás 9 h.
FRANCISCO EIA — Quintas-feiras ás 0 horas

Serviço nocturno ás quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA